

FACULDADES MARINGÁ
INSTITUTO PARANAENSE DE ENSINO

ELIANE TEREZINHA PILÉGI

UM POSSÍVEL OLHAR DA CRIANÇA PARA AS INTENÇÕES IMPLÍCITAS NOS
CONTOS DE FADAS

MARINGÁ

2008

ELIANE TEREZINHA PILÉGI

UM POSSÍVEL OLHAR DA CRIANÇA PARA AS INTENÇÕES IMPLÍCITAS NOS
CONTOS DE FADAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado
às Faculdades Maringá Instituto Paranaense,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Edinéia Navarro

MARINGÁ

2008

RESUMO

O conto de fadas além de desenvolver o mundo da fantasia, dos sonhos e da imaginação, aborda também assuntos conflitantes, que na realidade externa em determinados momentos da vida, a criança têm que, muitas vezes, enfrentar situações de conflitos semelhantes. Com isso, podemos ressaltar a grande influência que os contos de fadas possuem na formação e no desenvolvimento da criança. Entretanto, alguns contos de fadas apresentam intenções implícitas que possibilitam uma interpretação negativa das ações exercidas por seus personagens, ações essas que podem ser caracterizadas nos tempos atuais como imorais e ilícitas que podem vir a influenciar de modo pejorativo a formação de caráter da criança. Contudo, baseados nessas informações não se deve desvalorizar a riqueza cultural e fantasiosa que os contos de fadas incorporam. O ideal seria oportunizar as crianças à reflexão de certas atitudes realizadas pelos personagens, propondo uma reflexão crítica e ética sobre comportamentos, isso deve ser realizado por pais e professores. Baseando-se nisso, este trabalho tem como objetivo analisar alguns elementos de três contos clássicos no qual, merecem ser oportunizados para uma reflexão junto à criança.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas, influências na formação ética, intenções implícitas, atuação de pais e professores.

1. INTRODUÇÃO

A maneira de ver a criança e o tratamento dado a ela passou por inúmeras mudanças ao longo da história da humanidade. De adulto em miniatura a criança passou a ser o objeto de estudo de inúmeras teorias do desenvolvimento denotando uma preocupação com esta importante etapa da vida humana. Junto a essas mudanças surgiu a literatura infantil, refletindo também, com o passar dos anos, a concepção de criança, pois, se antes não havia um tratamento diferenciado para as crianças, não havia também a necessidade de acervo cultural próprio para elas. À medida que a criança recebe diferentes olhares, os contos e as histórias vão se modificando de modo a acompanhar estas mudanças.

Os contos de fadas oferecem inúmeras contribuições às crianças em seu desenvolvimento. Oferecendo assim, possibilidade de se construir uma ponte entre o mundo inconsciente e a realidade externa, visto que há em cada história uma linguagem simbólica.

Comunicando-se diretamente com o inconsciente e, mesmo que a criança não expresse sua compreensão acerca da mensagem contida na história, isto não significa que esta não foi assimilada.

Sendo assim, a criança é livre para interpretar e assimilar, até mesmo inconscientemente, as intenções inculcadas nas ações dos personagens dos contos de fadas. Com isso, é necessário ressaltar que em determinados conflitos apresentados pelos personagens, certas atitudes dão margem à dualidade interpretativa, ou seja, há ação positiva da luta, da coragem, da importância do bem vencer. Porém, podem ser até caracterizadas como imorais e ilícitas, um desvio de caráter, no qual os fins justificam os meios. Desse modo, levando em consideração que os contos de fadas têm grande influência na formação ética e moral da criança, até mesmo inconscientemente, analisaremos elementos implícitos que dão possibilidade de uma assimilação negativa para a formação da criança. Tais elementos serão destacados nos contos copiados pelos Irmãos Grimm “João e Maria”, “O Pequeno Polegar” e “O Gato de botas”.

2. A CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA CRIAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas desde há muito tempo, constituem literatura atraente para crianças de várias idades e também para os adultos. Os contos de fadas têm suas raízes e suas origens em Celta. As primeiras referências às fadas surgem na literatura cortesã da Idade Média e nas novelas de cavalaria do Ciclo Arturiano, tomando por base textos-fontes de origem reconhecidamente céltico-bretã. Tal literatura destaca o amor mágico e imortal vinculado às figuras de fadas como Morgana e Viviana, o que evidencia o status social elevado das mulheres na cultura celta, na qual possuíam uma ascendência e um poder muito maiores do que entre outros povos contemporâneos (ou posteriores).

Etimologicamente, a expressão conto de fadas é resultado da palavra portuguesa "fada" que vem do latim **fatum** (destino, fatalidade, fado etc). O termo se reflete nos idiomas das principais nações européias: *fée* em **frânces**, *fairy* em inglês, *fata* em italiano, *Fee* em alemão e *hada* em espanhol. Por analogia, os "contos de fadas" são denominados *conte de fées* na França, *fairy tale* na Inglaterra, *cuento de hadas* na Espanha e *racconto di fata* na Itália. Na Alemanha, até o século XVIII, era utilizada a expressão *Feenmärchen*, sendo substituída por *Märchen* ("narrativa popular", "história fantasiosa") depois do trabalho dos Irmãos Grimm. No Brasil e em Portugal, os contos de fadas, na forma como são hoje conhecidos, surgiram em fins

do século XIX sob o nome de *contos da carochinha*. Esta denominação foi substituída por "contos de fadas" no século XX.

Os contos de fadas são uma variação do conto popular ou fábula. Partilham com estes o fato de serem uma narrativa curta, transmitida oralmente, pela qual o herói ou heroína tem de enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal.

Caracteristicamente, podem contar ou não com a presença de fadas, mas fazem uso de magia e encantamentos, seu núcleo problemático é existencial, obstáculos ou provas constituem-se num verdadeiro ritual, na qual o herói ou a heroína buscam a realização pessoal.

Diferentemente do que se poderia pensar, os contos de fadas não foram escritos para crianças, muito menos para transmitir ensinamentos morais (ao contrário das fábulas de Esopo). Em sua forma original, os textos traziam doses fortes de adultério, incesto, canibalismo e mortes hediondas. Segundo registra Cashdan (2000, p. 20): "Originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam - não nas creches."

Mais adiante, Cashdan (2000, p. 20) exemplifica:

"É por isso que muitos dos primeiros contos de fada incluíam exibicionismo, estupro e voyeurismo. Em uma das versões de Chapeuzinho Vermelho, a heroína faz um strip-tease para o lobo, antes de pular na cama com ele. Numa das primeiras interpretações de A bela adormecida, o príncipe abusa da princesa em seu sono e depois parte, deixando-a grávida."

Ainda conforme Cashdan (2000, p. 23):

"Alguns folcloristas acreditam que os contos de fada transmitem 'lições' sobre comportamento correto e, assim, ensinam aos jovens como ter sucesso na vida, por meio de conselhos.(...)A crença de que os contos de fada contêm lições pode ser, em parte, creditada a Perrault, cujas histórias vem acompanhadas de divertidas 'moralis', muitas das quais inclusive rimadas". E ele conclui: "os contos de fada possuem muitos atrativos, mas transmitir lições não é um deles" (2000, p.24).

A partir do século XVI, os contos de fadas (ainda pensados para adultos), começaram a ser reunidos em coletâneas, entre as quais se destacam: **Noites prazerosas**, de Straparola (século XVI): escritas por Gianfrancesco Straparola da Caravaggio em duas etapas (1550 e 1554). Ele reuniu nesta coletânea várias narrativas contadas nas diversas províncias italianas. **O conto dos contos**, de Basile (século XVII): coletânea escrita por Giambattista Basile, foi publicada pela primeira vez em Nápoles, em 1634. Nela, Basile recria contos de fada (ou "de encantamento") da tradição popular napolitana, tendo como narrativa-moldura a história de Zoza, uma princesa melancólica que nada fazia sorrir. O subtítulo da obra, *Pentameron*, é uma alusão ao *Decameron* de Bocaccio, e também ao fato de que a narrativa transcorre ao longo de cinco dias ("penta"=cinco). Dos contos de Basile saíram alguns outros posteriormente

popularizados por Perrault: "Cogluso" é a base de "O Gato de Botas"; "Sole, Luna e Talia" deu origem a "A Bela Adormecida"; de "Zezolla" surgiu "A Gata Borralheira" etc.

Juntamente com a evolução dos contos de fadas surgem as versões infantis de contos de fadas hoje consideradas clássicas, devidamente expurgadas e suavizadas, nascidas quase por acaso na França do século XVII, na corte de Luís XIV, pelas mãos de Charles Perrault (Coelho, 1987, p.16). Para Sheldon Cashdan, em referência aos países de língua inglesa, a transformação dos contos de fadas em literatura infantil (ou sua popularização) só teria mesmo ocorrido no século XIX, em função da atividade de vendedores ambulantes ("mascates") que viajavam de um povoado para o outro "vendendo artigos domésticos, partituras e pequenos volumes baratos chamados de *chapbooks*" (Cashdan, 2000, pp. 20-21). Estes *chapbooks* (ou *cheap books*, "livros baratos" em inglês), eram vendidos por poucos centavos e continham histórias simplificadas do folclore e contos de fadas expurgados das passagens mais fortes, o que lhes facultava o acesso a um público mais amplo e menos sofisticado.

Segundo Cademartori, 1986, o francês Charles Perrault foi considerado por muitos o primeiro autor a escrever para crianças, no século XVII, coletou e organizou contos de fadas em um livro. Perrault ouvia as histórias de contadores populares, e então as adaptava ao gosto da corte francesa. Acrescentando assim, ricos detalhes descritivos, bem como diminuindo os trechos que conotavam os rituais da cultura pagã popular ou fizessem referências à sexualidade humana (pois vivia sob o contexto de conflito religioso entre católicos e protestantes à época da Contra-Reforma Católica).

Também, ao final da narrativa, escrevia, sob a forma de versos, a "moral da história", traduzindo sua preocupação pedagógica, segundo a qual as histórias deveriam servir para instruir moralmente as crianças. (Ou seja, desde o seu primeiro registro por escrito, os contos de fadas já começaram a ter seus detalhes, de enorme riqueza simbólica, deturpados). Perrault escreveu várias obras para adultos, mas foi imortalizado pelo único volume que escreveu para crianças, "Contos da Mãe Gansa".

Na Alemanha do século XIX, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm também realizaram um trabalho de coletânea de contos populares. Sendo filólogos, seu interesse inicial era coletar tais contos para estudar a língua alemã e registrar seu folclore, de modo a recuperar a realidade histórica do país. Entre 1812 e 1822, os irmãos Grimm publicaram uma coletânea de 100 contos denominada *Kinder und Hausmaerchen* ("Contos de fadas para crianças e adultos"). As

inúmeras semelhanças de episódios e personagens com aqueles das histórias de Perrault evidenciam que mais do que um fundo comum de fontes folclóricas, os Grimm podem ter simplesmente lançado mão de adaptações das histórias recolhidas pelo estudioso francês. Principais contos de "Kinder und Hausmaerchen": Pele de Urso, A Bela e a Fera, A Gata Borralheira e João e Maria.

Os contos que coletaram foram publicados nos dois volumes de sua obra, "Contos da Criança e do Lar", que jamais pretendeu ser um livro infantil (dado seu objetivo inicial), mas que foi adotado e lido por crianças e famílias do mundo inteiro.

Os Grimm tiveram o mérito de registrar suas histórias nas versões originais, sem as adaptações e lições morais de Perrault. Depois da publicação de seus trabalhos é que surgiu a literatura infantil de fato, com vários autores do mundo inteiro escrevendo para crianças.

Logo após, surge o poeta e novelista dinamarquês Hans Christian Andersen que escreveu cerca de duzentos contos infantis, parte retirada da cultura popular e parte de sua própria lavra. Publicados com o título geral de *Eventyr* ("Contos"), entre 1835 e 1872, eles consagraram Andersen como o verdadeiro criador da literatura infantil. Principais contos de "Eventyr": A Roupas Nova do Imperador, O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, A Pequena Sereia, A Pequena Vendedora de Fósforos, A Princesa e a Ervilha.

Na segunda metade do século XIX, os contos de fadas começam novo ciclo de decadência. Em lugar do sobrenatural, o *nonsense* de base racionalista. O principal representante desta nova escola é Lewis Carroll, a partir do livro "Alice no País das Maravilhas", de 1865. Outro que obteve êxito em fundir o maravilhoso com o racionalismo foi o italiano Carlo Collodi, que em 1883 publicou "Pinóquio", um dos maiores sucessos da literatura infantil mundial. É ali que surge não somente o boneco cujo sonho era se transformar em gente, mas a *Fada Azul*, uma benfeitora mágica capaz de transformar sonhos em realidade.

De acordo com Zilberman (2003, p.65), com o Iluminismo, surge a valorização da razão em detrimento à imaginação, onde se entendia que a criança não deveria perder tempo com as histórias de fadas.

“Instaurou-se um antagonismo entre a necessidade de conhecer a realidade e a criação fantástica. No plano educacional, criou-se uma corrente que condenava a fantasia na literatura infantil, valorizando a verdade e o realismo como únicas formas de aprendizagem e de conhecimento da realidade”. (Radino, 2003, p.106)

Com isso, no século XIX, com a ênfase e a preocupação dada ao estudo do desenvolvimento infantil, as questões das histórias infantis e da educação novamente são

revistas. A partir deste século, sobre profundas influências da Revolução Industrial, a literatura infantil passa a se preocupar em abordar contos críticos, com idéias sociais.

Segundo Coelho (2005, p.11) a fantasia, a imaginação, o mistério dos contos de fadas, o folclore, dando liberdade à criança para criar e imaginar reaparece nas histórias infantis com o Romantismo. A partir daí, principalmente no século XX, as histórias infantis ganham ênfase, sendo consideradas em sua importância no desenvolvimento infantil. De qualquer forma, surge uma grande literatura infantil para encantar crianças de todo o mundo.

Entretanto, todo o histórico dos contos de fadas perpassou por contextos históricos e sociais que influenciaram e sinalizaram suas criações. A leitura dos contos populares nos mostra que uma das faces assumidas por esse gênero narrativo se constitui no fato dos contos manifestarem no seu conteúdo, muitas vezes, um “tom” de protesto, uma forma das sociedades antigas “reclamarem” uma determinada imagem de felicidade ou justiça marcada por sua época.

De acordo com Benjamin (1987) é possível encontrar nos contos pegadas e vestígios de modos de ver, sentir e reagir das sociedades da época na qual foram criados.

Os contos de fadas são capazes de nos fazer repensar que relação à sociedade tem estabelecido com a infância, com a história e com as narrativas populares que contribuem para a construção da história. Pois, as crianças dos contos de fadas representam o sujeito histórico das classes combatentes e oprimidas, ou seja, os contos não foram compostos apenas por ficção, sonhos, fantasias. Pode-se dizer então, que foram baseados e representantes de uma sociedade realista com problemas sociais na qual, os indivíduos da época eram submetidos ao preconceito, à exploração, à luta pela sobrevivência.

É possível observar esses fatos na criação e na contextualização histórica dos contos *João e Maria*, *O Pequeno Polegar*, são exemplos de imagens históricas de crianças abandonadas, maltratadas, discriminadas, refletidas nos contos populares. Principalmente, como crianças vitimadas pela fome, pela violência e que, longe de parecerem compor um conto de fadas, podem ser reconhecidas nas feições dos “meninos de rua” que encontramos largados pelas cidades nos dias de hoje. São essas crianças que aos dez, doze anos já dividem a chefia da família com as mães, cozinhando, lavando, passando, isso, quando há o que comer ou o que vestir.

O mesmo acontece no conto *O gato de botas*, que representa a classe menos favorecida na busca de êxito na vida, de reconhecimento por seus afazeres, pela sua inteligência e esperteza. Na realidade por discriminação e falta de condições sociais favoráveis acabam escolhendo o caminho mais fácil para conquistarem o que desejam e necessitam apoiados até mesmo

inconscientemente na relevância que “os meios justifiquem os fins”. Isso é bem representado nas ações do gato em *O gato de botas* no intuito de realizar ações em prol de seu amo e consequentemente beneficiar a si próprio.

Se formos levantar a história da criança abandonada no mundo ocidental, veremos que ela remonta à Antigüidade, arrastando-se pela Idade Média e Moderna, sendo bastante presente ainda nos dias atuais, principalmente nos países considerados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

O abandono do *Pequeno Polegar* e seus irmãos e mesmo de *Joãozinho e Maria*, representam um quadro freqüente da miséria que assolava os camponeses do *Ancien Régime* em que os pais lançavam à sorte seus filhos.

As narrativas orais compiladas e adaptadas por Perrault, que constituem, segundo pesquisas, a primeira fonte escrita de contos populares dirigida à infância, ocorreram por volta de 1690 no auge de uma das piores crises demográficas vividas durante todo o século XVII.

Segundo Darnton (1984) *foi um período em que a peste e a fome dizimavam a população do norte da França. Quando os pobres comiam carniça atirada nas ruas por curtidores, quando eram encontrados cadáveres com capim na boca e as mães expunham os bebês que não podiam alimentar para eles adoecerem e morrerem (p.49).*

No Brasil do século XVIII, essa situação era agravada pela existência da escravidão, da exploração sexual das escravas e da exploração da criança escrava. Esses eram os destinos para a maioria dessas crianças. Os governantes a adotaram com o objetivo de salvar a vida dos recém-nascidos abandonados, preparando-os para uma vida de trabalhos produtivos e forçados.

Segundo Moreira Leite (1991) foi uma das iniciativas que a sociedade do século XVIII tomou na direção de mobilizar a população pobre a transformar-se em classe trabalhadora, afastando-a com isso dos perigos da prostituição e da vadiagem.

De acordo com essa autora, a prática ilegal era aceita quanto ao fatalismo e abandono das crianças por que refletia a indiferença quanto ao valor conferido à infância até o início do século XIX. Um sentimento que só iria mudar quando as escolas, a partir da inserção da medicina social, passaram a insistir na importância da criação dos filhos pelas mães. Isso porque, as crianças abandonadas, mesmo acolhidas nos asilos, dificilmente conseguiam se adaptar às normas sociais vigentes.

Além disso, se buscar nos contos o significado de miséria, fome e pobreza, pode-se perceber que esses são os maiores vilões que os personagens dessas narrativas enfrentam, mesmo quando a temática da narrativa não apresenta esses fenômenos como elementos centrais

dos contos. Quase todos os contos populares trazem o tema da fome, do abandono, da perda de um objeto ou pessoa estimada ou, ainda, a conversão da pobreza em riqueza.

No conto de *Joãozinho e Maria*, por exemplo, esses três temas são abordados. Num primeiro momento, as crianças são deixadas numa floresta, porque os pais não tinham o suficiente para alimentar os filhos. “ *Não vale a pena eu estar com meus filhos juntos comigo para que morram de fome. É melhor deixar uns dois na mata (“...”).*”

Num segundo momento existe o lamento pela separação da família e, mais tarde, quando as crianças se libertam da bruxa, elas levam consigo seu tesouro que permitirá que a família não passe mais necessidade. “ *(...)Joãozinho e Maria correram a casa toda, vendo os quartos cheios de riqueza. Encheram uma porção de cargas e tocaram-se para casa dos pais aonde chegaram depois de muitos dias(...)*”

Se analisarmos os contos na tentativa de encontrar neles imagens de crianças que sofrem maus-tratos, perceberemos que não são poucas as histórias em que essa situação aparece.

Darnton (1984) relata que na França do século XVIII, cerca de 50% das crianças morriam antes da idade de dez anos. E poucos chegavam à idade adulta, antes, pelo menos, da morte de um de seus pais. Também, poucos pais chegavam ao fim de seus anos férteis porque a morte os interrompia. Muitos casamentos acabavam cedo e o número de madrastas era bastante grande, conseqüente da imensa quantidade de mulheres que morriam durante o parto.

A questão que envolvia os maus-tratos às crianças ocorria não só entre irmãos, mas, também, entre padrastos, madrastas, enteados e enteadas. Muitas vezes, esse comportamento estava relacionado à aquisição de bens e heranças de família. Mesmo que a família pudesse se auto-sustentar, o aumento de herdeiros implicava uma diminuição do valor dos bens no momento da partilha.

De fato, a forma como era tratada e concebida a criança nas sociedades antigas, não nos revela o cenário romântico que tem sido exibido nas adaptações cinematográficas de alguns desses contos populares.

Foram esses bastidores que contextualizaram historicamente os contos de fadas que foram disseminados por todo o mundo e por muitos séculos exercendo grandes influências na formação das crianças.

2.1 CONTOS DE FADAS: AS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE E NA FORMAÇÃO ÉTICA DA CRIANÇA.

A literatura infantil sustentada nos contos de fadas tem seu papel na vida social e este, por sua vez, é de plurifuncionalidade. Além da função estética (arte da palavra e expressão do belo), uma obra literária pode possuir, concomitantemente, a função lúdica (provocar prazer), a função cognitiva (forma de conhecimento de uma realidade objetiva ou psicológica), a função catártica (purificação de sentimentos) e a função pragmática (pregação de uma ideologia).

Sendo considerada hoje uma das formas de literatura infantil, o conto de fadas, pode ser visto como instrumento que ajuda a pensar. Nota-se isso conforme cita o autor Góes 1991: “A poesia desses contos, nascida dos mais fortes e primários sentimentos gerais, é a que mais fala e desperta a sensibilidade dos jovens” (GÓES, 1991: 118).

Acredita-se que, para as crianças, esses contos têm um valor especial. Através de sua estrutura, onde se encontram personagens, sentimentos, valores e desafios, que correspondem às exigências infantis, ele possibilita à criança digerir suas manifestações mais arcaicas. Seu caráter simbólico permite-lhe utilizar essa forma literária conforme sua necessidade, pois se trata de uma obra aberta à subjetividade e que oferece de modo simplificado novas dimensões à imaginação da criança, sendo passível de um leque de possibilidade interpretativas. Os Contos de fadas transmitem mensagens simbólicas e significados manifestos e latentes, atingindo todos os níveis da personalidade humana. Segundo Bettelheim(1980): “Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade.” (Bettelheim, 1980, p.20)

São evidenciadas então, as influências dos contos de fadas na construção da personalidade da criança como afirma mais uma vez, Bettelheim (1980, p.14):

“Os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que estas histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego. (Bettelheim 1980, p.14)”:

Para entender essas requisições que o autor cita, precisaremos pensar um pouco sobre o desenvolvimento da psique humana, pois os contos de fadas são fascinantes porque simbolizam o processo pela qual percorremos no desenvolvimento humano.

Para a psicanálise, nossa psique se constitui de três estruturas dinâmicas, o Id (princípio do prazer), o Ego (princípio da realidade) e o Superego (princípio moral).

Dessas três estruturas, nascemos dotados apenas do Id, sendo que as outras duas estruturas terão de ser construídas na relação do sujeito com o mundo que o cerca.

O Id é a fonte de nossa energia original (libido), que nos sustenta e motiva a mover-nos em direção ao mundo, buscando satisfazer nossos desejos (pulsões).

Isso faz com que a criança identifique-se com o personagem facilmente, e observe as táticas e atitudes dos heróis e demais personagens para se beneficiar e conseguir chegar até o que desejam, ou seja, “viveram felizes para sempre”. Dessa maneira, os fins acabam por justificar os meios pelos quais os personagens utilizaram. Como os contos de fadas influenciam tanto as crianças é possível que para satisfazer seu Id, inconscientemente a criança se ampare nas atitudes dos seus heróis que conseguiram com êxito satisfazer seus próprios desejos e necessidades.

O problema em questão é que certas atitudes tomadas, às vezes, pelos personagens dos contos de fadas servem como exemplos de comportamento para a criança, e muitas vezes não podem ser aceitos eticamente e moralmente em determinadas situações da vida real da criança. Esses exemplos tomados e transportados pela criança para situações do seu mundo real podem acabar determinando características fundamentais para a formação ética da criança.

Os heróis, em geral, são dotados de características tão presentes na infância (medo, vergonha, ingenuidade, etc.) quanto na adolescência (desejo de conhecer e dominar o mundo, autonomia, espírito aventureiro, paixões arrasadoras e platônicas). Isso facilita a identificação da criança com os heróis e pode despertar o fascínio na criança em agir como seu herói.

Outra característica peculiar dos personagens de contos de fadas é o maniqueísmo, que deixam alguns politicamente corretos de “cabelo em pé”. Nos contos, ou o personagem é o herói “completamente bom” ou o vilão “completamente mau”. Isso faz com na mente da criança ela acredite que tudo que o herói faz é correto e justo, enquanto o vilão só possui sentimentos maléficos e suas ações são totalmente injustas e incorretas merecendo assim “morrer no final”, enquanto o herói “viver feliz para sempre”. A questão está nas ações do herói se ele é totalmente bom, justo e correto, logo, suas ações são também dessa forma.

Sobre esse processo de identificação com os personagens do conto, diz-nos Marly Amarilha (1997, p.18)

“Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de elevação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o

próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que (o conto de fadas) exerce sobre o receptor”.

Dessa forma, os contos de fadas, através das identificações que os ouvintes estabelecem com seus personagens, desempenham um importante papel para a saúde mental das crianças, permitindo-lhes elaborar seus sentimentos mais profundos e contraditórios.

Amarilha (1997, p.19) afirma ainda: *“Pelo processo de ‘viver’ temporariamente as conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo”.*

Rappaport (1981, p.6) considera que a criança em idade pré-escolar ainda é incapaz de uma ética relacional, sendo apenas capaz de entender o permitido e o proibido dentro de uma dicotomia absoluta. Certo e errado devem estar bem definidos, e a expectativa presente é a da recompensa do bem e a punição do mal. Esta dicotomia possui um caráter organizador, pois caracteriza uma primeira organização da interação com o mundo externo, definindo suas conseqüências como boas ou más. A definição desses valores é importante fonte de segurança para a criança, pois a certeza de que há o bem e o mal definidos, que o mal terá uma punição certa, é o que dará segurança para, com sua fragilidade, transitar entre os perigos do mundo.

Sendo assim, as atitudes e os feitos dos heróis, independentes de seus meios serem de certa forma ilícita e imoral, acabam sendo vistos pela criança, às vezes até inconscientemente, como politicamente corretos; assimilando “que os fins justificam os meios”. Dessa forma, as atitudes dos heróis, muitas vezes, influenciam na formação ética da criança.

Em essência, os contos de fada são capazes de envolver com seu enredo, de instigar a mente e comover com a sorte de seus personagens. Causa impacto no psiquismo porque tratam das experiências cotidianas, e permitem a identificação com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, cujos feitos narrados expressam, em suma, a condição humana frente às provações da vida. Não fossem assim tão verdadeiros ao simbolizar o caminho pessoal de desenvolvimento, apresentando situações críticas de escolha que invariavelmente se enfrenta. Neste processo, cada criança depreende suas próprias lições dos contos de fadas que ouve, sempre consoante seu momento de vida, e extrai das narrativas, ainda que inconscientemente, o que acredita ser o melhor para se identificar. Oportunamente, pede que seus pais lhes contem de novo esta ou aquela história, quando revive sentimentos que vão sendo trabalhados a cada repetição do drama, ampliando assim os significados aprendidos ou substituindo-os por outros mais eficientes, conforme as necessidades do momento.

Se em determinada situação o herói ou qualquer outro personagem tido como “do bem”, exercer alguma ação que não seja eticamente correta, a criança poderá absorver para si essas

atitudes como sendo também “do bem” e que contribuíram para que o “felizes para sempre” ocorresse, a mesma coisa que a criança também deseja que é ser feliz e ter êxito.

2.2 ANÁLISE DAS INTENÇÕES IMPLÍCITAS NOS CONTOS: JOÃO E MARIA, O PEQUENO POLEGAR E O GATO DE BOTAS.

Para objeto de análise desse trabalho foram selecionados três contos de versões copiladas dos mesmos autores *os irmãos Grimm*. Trata-se dos contos: *João e Maria*, *O pequeno polegar* e *O gato de botas*. Os **irmãos Grimm** (em alemão *Brüder Grimm*), Jacob e Wilhelm Grimm, nascidos em 4 de Janeiro de 1785 e 24 de Fevereiro de 1786, respectivamente, foram dois alemães que se dedicaram ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade. Também deram grandes contribuições à língua alemã com um dicionário (O Grande Dicionário Alemão - *Deutsches Wörterbuch*) e estudos de lingüística, e ao estudo do folclore. Os irmãos decidiram dedicar-se aos estudos de história e lingüística, recolhendo diretamente da memória popular, as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas pela tradição oral.

As obras comuns mais significativas de Jacob e Wilhelm Grimm são: a reunião de contos para crianças, a coleção de lendas, assim como o dicionário. Buscando encontrar as origens da realidade histórica de seu país, os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico, o mítico em temas comuns da época medieval. Com suas pesquisas, tinham dois objetivos básicos: o levantamento de elementos lingüísticos para fundamentação dos estudos filológicos da língua alemã e a fixação dos textos do folclore literário germânico, expressão autêntica do espírito nacional. De qualquer forma, surge dos irmãos Grimm uma grande literatura infantil para encantar crianças de todo o mundo.

A análise que se pretende fazer neste trabalho se opõe totalmente àquelas que se tem mostrado na maioria das vezes, em análises de contos de fadas. Pois, os contos de fadas são ricos em fantasia e sonhos, porém tratam de assuntos nos quais, a criança pode identificar com conflitos semelhantes de seu próprio vivenciar. Logo, até mesmo inconscientemente, associa o êxito que os heróis obtêm nas histórias com o desejo de obter êxito em sua vida, acreditando assim que os meios utilizados pelos heróis para conseguirem o que querem são perfeitamente corretos. Entretanto, podemos analisar em alguns contos que muitas das atitudes dos personagens têm implicitamente seu lado negativo que conscientemente ou inconscientemente a criança enxerga, entende e assimila como admissível para se conseguir o que deseja.

Muitos contos desenvolvem uma imagem negativa da realidade vivida por crianças nas narrativas populares. Em decorrência disso, pode-se analisar no conto *João e Maria*, dois irmãos que foram abandonados na floresta pelo pai lenhador e pela madrasta que convenceu o pai a fazer isso com seus próprios filhos. O motivo seria a falta de condições financeiras para criá-los. As crianças abandonadas e desesperadas procurando um abrigo e comida encontram uma casa de doces que pertencia a uma bruxa, fazendo-os prisioneiros, a bruxa tinha a intenção de comê-los. Mas no momento que a bruxa pensava em colocar Maria no forno, é Maria que joga a bruxa no forno, fazendo a bruxa assar até os ossos. Depois disso, antes de ir embora, Maria e João levam todos os pertences da bruxa, arrombam o cofre e pegam pedras preciosas, rubis, esmeraldas, diamantes, etc. Voltam ricos para a casa do pai e a história cita que para completar a felicidade deles, a madrasta havia morrido. O conto é finalizado da seguinte maneira: *E assim, desde aquele dia o lenhador e seus filhos viveram na fartura, sem mais nenhuma preocupação.* As crianças não apenas foram capazes de escapar e matar a Bruxa, mas também roubam um rico tesouro escondido na casa de doces, que os tornaram capazes de sustentar a si e à sua família, superando o estado de pobreza do início da história.

Analisando as intenções implícitas do conto pode-se observar que as crianças passam fome, sofrem o abandono dos pais e ainda acabam nas mãos da bruxa que ameaça devorá-los. Porém, na primeira oportunidade as crianças não hesitam em matar a bruxa assada, não deixando restar nem os ossos. Em seguida, não se contentam em ficar livres e saqueiam a casa da bruxa, arrombam seu cofre e roubam suas pedras preciosas, para completar sua felicidade ficam contentes pela morte da madrasta e assim vivem com o pai, ricos, felizes e sem nenhuma preocupação para sempre.

Ao observarmos por essa ótica, podemos ver que para reverter o quadro do abandono do pai, da situação financeira difícil da família, das garras da bruxa, as crianças sem citação de problema algum, invertem a infortúnio, a infelicidade cometendo crimes como: assassinato seguido de roubo (latrocínio) e ainda não demonstram nenhuma piedade pela morte de madrasta, pelo contrário se alegram, e vivem para sempre com a riqueza alheia e ainda cita que sem nenhuma preocupação. Esse tipo de análise pode ser feita pela criança leitora ou ouvinte do conto, mesmo sendo marcas implícitas a criança quando pede para que se recontem várias vezes o mesmo conto é porque ela está refletindo sobre o desfecho e os meios usados pelos personagens para conseguirem o que desejam. E a criança transfere

para seu cotidiano às vezes inconscientemente, a realização dos desejos a qualquer custo, as ações imediatas sem nenhum arrependimento, a insensibilidade para com a morte, um estreito relacionamento de felicidade somente com posse, bens materiais, riquezas e até mesmo a impunidade, pois eles mataram a bruxa e não pagaram nada por isso pelo contrário foram felizes para sempre sem nenhuma preocupação.

O mesmo acontece em *O Pequeno Polegar*, verificando o enredo do conto temos um casal que tinha doze filhos. Um deles era do tamanho de um dedo polegar. Essa família era muito pobre e às vezes não tinha o que comer, resolveu abandonar seus filhos na floresta. Vindo a noite, Polegar trepou numa árvore e lá de cima avistou uma luzinha. Desceu, reuniu os irmãos, dirigiu-se nessa direção.

Chegou a uma casa grande e bonita e bateu, pedindo agasalho. A mulher que os recebeu era uma velha pegou-os e prendeu-os. O gigante, quando chegou, soube de tudo, mandou que guardassem os meninos para depois. A velha deitou-os todos numa cama, perto de outra em que estava dormindo as filhas do gigante, cada uma com uma coroa de ouro na cabeça. Quando o gigante, a bruxa e todos adormeceram, o Pequeno Polegar tirou os gorrinhos da cabeça dos irmãos e da sua e trocou-os pelas coroas das filhas do gigante. O gigante a noite no escuro passou a espada, degolando todas.

Assim que o gigante foi dormir, Polegar acordou os irmãos e fugiram bem depressa. De manhã, a bruxa foi ao quarto das filhas e desmaiou. O gigante, vendo-se enganado, calçou as botas de sete léguas e foi à procura dos fujões. Polegar, percebendo o perigo, escondeu-se numa gruta. O gigante estava muito cansado e, parando perto deles, deitou-se e pegou no sono. Polegar, bem devagarzinho, tirou as botas do gigante e desembainhando a espada cortou-lhe o pescoço. Depois, calçou a bota de sete léguas e partiu na direção da casa do gigante. Chegando lá, chamou a velha e disse que seu marido estava prisioneiro, e mandava buscar seu tesouro.

A velha entregou tudo, Polegar carregou o que pôde, voltou para junto dos irmãos, indo todos para casa. Entregou o tesouro ao pai e mais tarde foi nomeado correio real por causa das botas de sete léguas.

Analisando esse conto podemos observar que o Pequeno Polegar executou algumas ações que na história parecem justificar os problemas que o atingiam como: o abandono dos pais, a fome, a falta de abrigo, a prisão pela velha. Pois, o Pequeno Polegar não reflete sobre as conseqüências de seus atos, e demonstra ter nenhum tipo de sentimento misericordioso ou virtude, como um herói de conto de fadas deveria apresentar. Isso pode ser visto, na

primeira oportunidade, na qual planeja a morte das filhas do gigante, sendo que elas nunca haviam feito mal algum a ele e seus irmãos. E, ainda mais, sendo uma morte tão cruel, na qual o pai(gigante) mata suas próprias filhas por engano. Mesmo o Pequeno Polegar e seus irmãos estarem sendo presos e ameaçados pelo gigante, isso não justifica as atitudes do Pequeno Polegar que poderia ter planejado um meio de fugir com seus irmãos, mas não planejar a morte de crianças inocentes.

Num segundo momento, o Pequeno Polegar sorrateiramente rouba as botas do gigante e o mata. Em seguida, simula o seqüestro do gigante e acaba extorquindo a velha levando todos seus pertences. Logo após, usando as botas que roubara do gigante conquista uma posição de status sendo nomeado correio real. Seu pai consentindo aceita e compactua com a posse dos bens alheios.

É evidente, que se deve pensar que se trata de um conto de fadas, no qual, o mágico e o fantástico são predominantes e dá vazão para uma interpretação das atitudes do Pequeno Polegar como sendo um herói corajoso, valente e vitorioso. Porém, a criança dos tempos atuais pode fazer uma interpretação diferente, analisando as intenções implícitas das ações dos heróis e percebendo os pontos negativos das mesmas e assimilando suas possíveis influências.

Em relação ao conto *O gato de botas*, o enredo se dá quando um moleiro resolve repartir sua herança para seus três filhos. Ao filho mais velho lhe beneficia com um moinho, para o segundo lhe cabe um asno e ao terceiro foi designado um gato. O último sentindo-se injustiçado tem vontade de matar o gato, nisso o gato começa a falar e sugere ao rapaz que lhe deixe vivo porque com sua ajuda ficará rico bastando dar-lhe um par de botas. A partir daí, o gato com suas botas começa uma sucessão de malandragens, farsas e trapaças.

O plano inicial do gato é levar presas para o rei em nome de seu dono que no qual, inventa para ele uma nova identidade como Marquês de Carabá, como sendo um marquês rico, dono de imensas terras. Em um segundo plano, o gato aconselha seu dono a entrar em um rio e assim, no momento em que o rei passa com sua carruagem o gato simula um afogamento de seu dono o rei impressionado ordena que seus soldados o salve. Com esse pretexto o gato diz ao rei que as roupas e todo dinheiro do suposto Marquês foram roubados. O rei comovido com a situação ordenou que lhe trouxessem os mais belos trajés.

Com isso, o Marquês portando belos trajés conhece a princesa, filha do rei, conforme o gato havia planejado. A princesa vendo o rapaz tão bem vestido, bem apessoado e rico se apaixona. Para dar mais veracidade ao rei de que o rapaz era realmente rico, ameaçou alguns camponeses que estavam ceifando em terras imensas que senão falassem que aquelas terras

pertenciam ao Marquês de Carabá, seriam picados em pedacinhos para fazer recheio de lingüiça. Ao atravessar aquelas terras o rei ficou impressionado de saber que essas pertenciam ao Marquês de Carabá pretendente de sua filha e foi ficando cada vez mais espantado com as riquezas que ele possuía e acreditava possuir mais riquezas do que ele mesmo.

O plano seguinte do gato foi ir até um castelo de um ogro muito rico que possuía poderes mágicos e o desafiar seus poderes até fazê-lo transformar-se em um camundongo que o gato acabou por devorar. O gato então, tomou posse do castelo do ogro e disse ao rei que pertencia ao Marquês de Carabá, impressionado com o castelo o rei então, oferece a mão da princesa ao suposto Marquês que assume o castelo como sendo seu e casa-se com a princesa. O gato vive a partir daí, caçando camundongos e ratos só por esporte.

Analisando as intenções implícitas desse conto, pode-se observar que os fins justificam se os meios. O Gato de Botas trata do destino das pessoas que estavam à mercê do acaso, da esperteza ou da sorte. Diante deste quadro adverso e injusto, aparece o elemento mágico/maravilhoso Gato de Botas. Ele é o responsável pelo restabelecimento da justiça, mesmo que para isso tenha de usar meios ilícitos: os fins justificam os meios. O Gato é mágico, porém, ele usa ambição e cobiça humana para conseguir o que quer. Trata-se da genialidade com que é construída a personalidade falsa do Marquês de Carabás valorizando o grande plano. O fato de ser um gato o elemento mágico pode estar ligada à rapidez e agilidade felinas.

A partir disso, o gato tem atitudes ilícitas e imorais para beneficiar seu dono. Podem se analisar as ações calculistas do gato, pois ele planeja cada ato sem refletir sobre se são certas ou erradas. Ele lança mão de mentiras para conseguir o que deseja; ele cria uma falsidade ideológica quando inventa de seu dono se passar por outra pessoa, como um Marquês rico; simula um roubo; ameaça camponeses se aproveita por serem pessoas humildes; engana o ogro, mata-o e toma posse de seus bens; se aproveita da ganância do rei e arma o interesse da princesa pelo “ Marquês”. Tudo se finaliza quando conquista tudo o deseja para si e para seu dono. É evidente, que as artimanhas do gato se dão devido às falhas do caráter humano, o gato se aproveita da ganância do rei, da ambição de seu dono, do jogo de interesses e até pelo padrão de riqueza ostentado pela princesa. Contudo, isso não justificaria um herói de contos de fadas ou conto maravilhoso utilizar-se de atitudes negativas, imorais e ilícitas.

Todos esses elementos analisados têm possibilidade de serem percebidos ou abstraídos pela criança, até mesmo inconscientemente, na sua formação ética, conforme já foram apresentadas nesse estudo as possíveis influências dos contos de fadas no universo infantil.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se neste trabalho proporcionar uma análise das intenções implícitas, possivelmente, negativas que permeiam os contos de fadas. Não houve a intenção de desvalorizar a riqueza cultural que carregam os contos de fadas, mas sim, repensar que contar histórias para crianças apenas por contar pode surtir efeito contrário ao desejado.

Ressalta-se a importância dos pais e professores contarem histórias com o objetivo de refletir sobre as mesmas, principalmente levando em consideração, o momento histórico que a maioria dos contos foram produzidos, pois a realidade social, histórica e cultural é evidentemente, diferenciada da época de sua produção.

A criança dos dias atuais é extremamente ativa e interpretativa, abstrai facilmente e rapidamente o que lhe é transmitido. Por isso, é necessário estimular seu senso crítico para analisar se as atitudes dos personagens são “religiosamente” corretas e justas. Se é eticamente e moralmente correto os fins justificarem os meios, em prol de desejos pessoais.

Ao apresentar contos para a criança é imprescindível, colocar fatos, situações e atitudes em reflexão e abrir o leque para a criança analisar e construir outras possibilidades mais corretas e justas que os contos e seus personagens poderiam ter assumido, sem transgredir a ética e a moral.

Dessa forma, frisa-se a atuação dos pais e professores no auxílio interpretativo dos contos de fadas, principalmente com o intuito de formarem-se cidadãos mais críticos e éticos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** – literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BENJAMIM, R. (coord.) **Contos populares brasileiros - Pernambuco**. Prefácio de Fernando de Mello Freyre; introdução de Bráulio Nascimento. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1994.
- BENJAMIN, W. Reflexões: **a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. S.P Summus Editorial, 1984.
- _____. **Obras escolhidas I - magia e técnica, arte e política**. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin, 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Obras escolhidas II - rua de mão única**, 4ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CASHDAN, Sheldon. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- COELHO, Nelly N. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- DARNTON, R. **O grande massacre dos gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- DIATKINE, René. **Histórias sem fim**. Entrevista à revista Veja em 12 de março de 1993.
- LEITE, M. L. M. **O óbvio e o contraditório da roda**. In: PRIORE, M. D. (org.) História da Criança no Brasil. 2ª edição. SP: Contexto, 1992.
- RAPPAPORT, Clara R. e FIORI, Wagner R. **Psicologia do Desenvolvimento: A idade pré-escolar**. São Paulo: EPU, 1981.

Sites consultados

<http://www.rodadehistorias.com.br/fotos/%E2%80%9CCEIRA%20UMA%20VEZ...%E2%80%9D%20NA%20EDU%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>. Acesso: 3/7/2008.

http://inforum.insite.com.br/arquivos/1027/Taicy_CONTOS_DE_FADA.doc. Acesso: 3/7/2008

<http://www.stromboli.com.br/Site%203/Blog/56D413A4-CBB7-47D7-90A4-9FF2BA3E83AE.html>. Acesso: 3/7/2008

http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200007
Acesso: 7/7/2008

<HTTP://WWW3.ICM.GOV.MO/GATE/GB/WWW.LIBRARY.GOV.MO/NL/POR/PDF/20060122.PDF>
ACESSO: 7/7/2008

<http://www.rodadehistorias.com.br/fotos/%E2%80%9CCEIRA%20UMA%20VEZ...%E2%80%9D%20NA%20EDU%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>. Acesso: 7/7/2008

<http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/joaomaria.html>
Acesso: 12/7/2008

ANEXOS

O Pequeno Polegar

Esta é uma lenda antiga, que conta sobre uma família de camponeses pobres, com sete filhos ainda crianças para criar. O filho caçula nasceu tão pequenininho e fraquinho, que foi sorte sobreviver. Ganhou por isso o apelido de Pequeno Polegar. Ele era pequeno, porém muito esperto, sempre aprendendo brincadeiras novas com seus irmãos.

Naquele tempo, houve na Europa uma grande fome, que se espalhava por todas as cidades em volta da casa de Polegar. Não havia alimentos para todos. As panelas estavam vazias..

O pai das crianças, sabendo que todas morreriam de fome se ficassem em casa, teve uma idéia:

- Vou levar todos para a floresta. Talvez encontrem coisas para se alimentar e sobreviver. Aqui é que não vai dar certo.

A mãe chorou muito, mas concordou com o pai em não contar nada para os filhos, para que não se desesperassem. Preparou um lanchinho para cada um (o último que tinham), e todos partiram cedo, pela manhã, como se fossem passear na floresta.

Depois de estarem todos bem cansados de andar, os pais foram se afastando, sem que as crianças percebessem.

O Pequeno Polegar foi o primeiro a reparar que os pais haviam sumido. Todos tentaram procurar, mas se descobriram perdidos e abandonados...

A noite já vinha chegando, e as crianças tinham medo dos lobos e morcegos que faziam ruídos assustadores em volta.

O irmão mais velho subiu na árvore mais alta para procurar um abrigo para a noite. Todos festejaram quando ele disse ter visto a torre de um castelo ao longe, para o lado de onde a lua vinha nascendo.

Foram caminhando rapidamente, pensando achar um grande castelo acolhedor, com um rei e uma rainha ricos e bondosos para dividir abrigo e alimento com todos eles.

Não era bem isso quando se via de perto, mas todo o resto era apenas a floresta perigosa, e eles não queriam ser devorados. Então bateram à porta assim mesmo.

Uma estranha voz respondeu:

- Vocês estão loucos? Não sabem o que tem atrás desta porta?

- Quem está falando? - perguntou Polegar.

-Eu! Ora bolas!

- Não sabia que existiam maçanetas falantes! - disseram todos.

- Para sorte de vocês, está vindo aí a dona da casa, que é boa e carinhosa, mas se chegar o patrão ...

A dona da casa abriu a porta, torcendo o nariz da maçaneta, que nem reclamou. Recebeu aquelas crianças abandonadas e famintas com todo seu carinho, mesmo preocupada que o marido pudesse chegar a qualquer momento. Trouxe bastante comida, que ali não parecia faltar. Todos ficaram satisfeitos e encheram as barrigas.

Como sempre, a maçaneta soltou berros horríveis quando o patrão torceu forte seu nariz para entrar. Ouvindo isso, a dona da casa correu para esconder as crianças embaixo da cama do casal.

Não adiantou nada, pois o ogro malvado que era seu marido sentiu o cheiro de gente estranha logo, logo...

- Vou comê-los no jantar! Ahaha!

A mulher pediu que ele esperasse um pouco mais, pois o jantar maravilhoso de hoje já estava pronto, e tinha todos os pratos especiais que ele adorava.

Então o ogro mandou que fossem se deitar na cama ao lado da cama de suas filhas. Sim, o ogro tinha sete filhas, que dormiam todas na mesma cama, com suas coroas na cabeça.

Logo que os meninos se retiraram, ele rosnou que iria degolar cada um deles à noite. E ficou sentado esperando que dormissem...

Polegar, chegando com os irmãos ao quarto, viram as meninas dormindo no escuro com seus coroinhas e ficou pensando em uma idéia para escapar.

Quando todos dormiram, colocou sua idéia em prática: trocou os chapéus de seus irmãos, e o seu também, pelas coroas das meninas, e foi se deitar bem quietinho. Naquele quarto escuro, ele imaginou que o ogro iria reconhecer as filhas pelas coroas nas cabeças, e foi isso mesmo.

Quando o ogro chegou, foi direto para a cama dos meninos, mas pondo a mão nas cabecinhas, sentiu as coroas, e assim foi para a outra cama. Degolou todas as crianças que tinham chapéu na cabeça.

- Ufa! Quase degolei minhas próprias filhas!

Assim que o ogro saiu, o Pequeno Polegar acordou seus irmãos para fugirem juntos dali. Desceram pela escada de mansinho, e chegaram à maçoneta falante.

- Tenho ordens de avisar ao patrão sempre que tentam entrar ou sair por mim, mas desta vez vou desobedecer aquele malvado. O único problema é que vocês não vão escapar quando ele calçar suas botas de sete léguas e for atrás de vocês. Seus pés ficam os mais rápidos do mundo!

O Pequeno Polegar notou as enormes botas encantadas ao lado da porta, e resolveu calçar assim mesmo, com a maçoneta prendendo a gargalhada com o ridículo do seu tamanho junto ao da bota.

Fez bem: era uma bota encantada, e se ajustou perfeitamente ao seu tamanho assim que calçaram em seus pequeninos pés.

Com elas, ajudou seus irmãos a voltarem para casa, mas não quis ficar. Despediu-se deles, e disparou para o castelo real.

Lá chegando, disse logo que era o correio mais rápido do reino, e gostaria de provar sua capacidade ao rei.

Nos primeiros dias, levava apenas mensagens sem importância, mas ele era mesmo tão veloz e tão correto, que acabou conquistando a confiança do rei em pessoa. Logo estava sendo o responsável pela entrega das mensagens mais importantes, até mesmo as de guerra.

Tudo chegava voando pelas mãos dele, com a ajuda da bota de sete léguas. Assim, o Pequeno Polegar foi ganhando e juntando muito dinheiro.

Um dia, ele achou que era hora de voltar em casa, e levar dinheiro bastante para sua família nunca mais sentir fome ou abandono. E isso ele também conseguiu.

FIM

João e Maria

Às margens de uma floresta existia, há muito tempo, uma cabana pobre feita de troncos de árvores, onde moravam um lenhador, sua segunda esposa e seus dois filhinhos, nascidos do primeiro casamento. O garoto chamava-se João e a menina, Maria.

Na casa do lenhador, a vida sempre fora difícil, mas, naquela época, as coisas pioraram: não havia pão para todos.

— Mulher, o que será de nós? Acabaremos morrendo de fome. E as crianças serão as primeiras.

— Há uma solução... – disse a madrasta, que era muito malvada – amanhã daremos a João e Maria um pedaço de pão, depois os levaremos à mata e lá os abandonaremos. O lenhador não queria nem ouvir um plano tão cruel, mas a mulher,

esperta e insistente, conseguiu convencê-lo.
No aposento ao lado, as duas crianças tinham escutado tudo, e
Maria desatou a chorar.

— E agora, João? Sozinhos na mata vamos nos perder e
morrer.

— Não chore — tranqüilizou o irmão. — Tenho
uma idéia.

Esperou que os pais estivessem dormindo, saiu da cabana, catou um
punhado de pedrinhas brancas que brilhavam ao clarão da Lua e as
escondeu no bolso. Depois voltou para a cama. No dia seguinte, ao
amanhecer, a madrastra acordou as crianças.

— Vamos cortar lenha na mata. Este pão é para vocês.

Partiram os quatro. O lenhador e a mulher na frente, as crianças
atrás. A cada dez passos, João deixava cair no chão uma pedrinha
branca, sem que ninguém percebesse. Quando chegaram bem no meio da
mata, a madrastra disse:

— João e Maria descansem enquanto nós vamos rachar lenha
para a lareira. Mais tarde passaremos para pegar vocês.

Os dois irmãos, após longa espera, comeram o pão e, cansados e
fracos, adormeceram. Acordaram à noite, e nem sinal dos pais.

— Estamos perdidos! Nunca mais encontraremos o caminho de
casa! — soluçou Maria.

— Quando a Lua aparecer no céu acharemos o caminho de casa
- consolou-a o irmão.

Quando a Lua apareceu, as pedrinhas que João tinha deixado cair
pelo atalho começaram a brilhar, e, seguindo-as, os irmãos
conseguiram voltar à cabana.

Ao vê-los, os pais ficaram espantados. O lenhador, em seu íntimo,
estava contente, mas a mulher não. Assim que foram deitar, disse
que precisavam tentar novamente, com o mesmo plano. João, que tudo
escutara, quis sair à procura de outras pedrinhas, mas não pôde,
pois a madrastra trancara a porta. Maria estava desesperada.

— Como poderemos nos salvar desta vez?

— Daremos um jeito, você vai ver.

Na madrugada do dia seguinte, a madrastra acordou as crianças e
foram novamente para a mata. Enquanto caminhavam, Joãozinho
esfarelou todo o seu pão e o da irmã, fazendo uma trilha. Desta
vezes afastaram-se ainda mais de casa e, chegando a uma clareira, os
pais deixaram as crianças com a desculpa de cortar lenha,
abandonando-as.

João e Maria adormeceram famintos e cansados. Quando acordaram,
estava muito escuro, e Maria desatou a chorar.

Mas desta vez não conseguiram encontrar o caminho: os pássaros
havia comido todas as migalhas. Andaram a noite toda e o dia
seguinte inteirinho, sem conseguir sair daquela floresta, e
estavam com muita fome. De repente, vira uma casinha muito
mimosa. Aproximaram-se, curiosos, e viram encantados, que o
telhado era feito de chocolate, as paredes de bolo e as janelas de
jujuba.

— Viva! — gritou João.

E correu para morder uma parte do telhado, enquanto Mariazinha enchia a boca de bolo, rindo. Ouviu-se então uma vozinha aguda, gritando no interior da casinha:

— Quem está o teto mordiscando e as paredes roendo?

As crianças, pensando que a voz era de uma menina de sua idade, responderam:

— É o Saci-pererê que está zombando de você!

Subitamente, abriu-se a porta da casinha e saiu uma velha muito feia, mancando, apoiada em uma muleta. João e Maria se assustaram, mas a velha sorriu, mostrando a boca desdentada.

— Não tenham medo, crianças. Vejo que têm fome, a ponto de quase destruir a casa. Entrem, vou preparar uma jantinha.

O jantar foi delicioso, e a velha senhora ajeitou gostosas caminhas macias para João e Maria, que adormeceram felizes. Não sabiam, os coitadinhos, que a velha era uma bruxa que comia crianças e, para atraí-las, tinha construído uma casinha de doces.

Agora ela esfregava as mãos, satisfeita.

— Estão em meu poder, não podem me escapar. Porém estão um pouco magros. É preciso fazer alguma coisa.

Na manhã seguinte, enquanto ainda estavam dormindo, a bruxa agarrou João e o prendeu em um porão escuro, depois, com uma sacudida, acordou Maria.

— De pé, preguiçosa! Vá tirar água do poço, acenda o fogo e apronte uma boa refeição para seu irmão. Ele está fechado no porão e tem de engordar bastante. Quando chegar ao ponto vou comê-lo.

Mariazinha chorou e se desesperou, mas foi obrigada a obedecer. Cada dia cozinhava para o irmão os melhores quitutes. E também, a cada manhã, a bruxa ia ao porão e, por ter vista fraca e não enxergar bem, mandava:

— João, dê-me seu dedo, quero sentir se já engordou!

Mas o esperto João, em vez de um dedo, estendia-lhe um ossinho de frango. A bruxa zangava-se, pois apesar do que comia, o moleque estava cada vez mais magro! Um dia perdeu a paciência.

— Maria, amanhã acenda o fogo logo cedo e coloque água para ferver. Magro ou gordo pretendo comer seu irmão. Venho esperando isso há muito tempo!

A menina chorou, suplicou, implorou, em vão. A bruxa se aborrecera de tanto esperar.

Na manhã seguinte, Maria tratou de colocar no fogo o caldeirão cheio de água, enquanto a bruxa estava ocupada em acender o forno para assar o pão. Na verdade ela queria assar a pobre Mariazinha, e do João faria cozido.

Quando o forno estava bem quente, a bruxa disse à menina:

— Entre ali e veja se a temperatura está boa para assar pão.

Mas Maria, que desconfiava sempre da bruxa, não caiu na armadilha.

— Como se entra no forno? — perguntou ingenuamente.

— Você é mesmo uma boba! Olhe para mim! — e enfiou

a cabeça dentro do forno.

Maria empurrou a bruxa para dentro do forno e fechou a portinhola com a corrente. A malvada queimou até o último osso.

A menina correu para o porão e libertou o irmão. Abraçaram-se, chorando lágrimas de alegria; depois, nada mais tendo a temer, exploraram a casa da bruxa. E quantas coisas acharam! Cofres e mais cofres cheios de pedras preciosas, de pérolas...

Encheram os bolsos de pérolas. Maria fez uma trouxinha com seu aventalzinho, e a encheu com diamantes, rubis e esmeraldas.

Deixaram a casa da feiticeira e avançaram pela mata.

Andaram muito. Depois de algum tempo, chegaram a uma clareira, e perceberam que conheciam aquele lugar. Certa vez tinham apanhado lenha ali, de outra vez tinham ido colher mel naquelas árvores...

Finalmente, avistaram a cabana de seu pai. Começaram a correr naquela direção, escancararam a porta e caíram nos braços do lenhador que, assustado, não sabia se ria ou chorava.

Quantos remorsos o tinham atormentado desde que abandonara os filhos na mata! Quantos sonhos horríveis tinham perturbado suas noites! Cada porção de pão que comia ficava atravessada na garganta. Única sorte, a madrasta ruim, que o obrigara a livrar-se dos filhos, já tinha morrido.

João esvaziou os bolsos, retirando as pérolas que havia guardado; Maria desamarrou o aventalzinho e deixou cair ao chão a chuva de pedras preciosas. Agora, já não precisariam temer nem miséria nem carestia. E assim, desde aquele dia o lenhador e seus filhos viveram na fartura, sem mais nenhuma preocupação.

FIM

O GATO DE BOTAS

Havia há muito tempo, em um país distante, um moleiro chamado Augusto, que tinha três filhos, o primeiro se chamava Daniel, o segundo Tiago e o terceiro Constantino. O moleiro possuía três bens: um moinho, um asno e um gato. Um dia ele sentiu que a morte se aproximava, já que estava muito velho e doente, e resolveu fazer um testamento, por meio do qual deixou a Daniel, o filho mais velho, o moinho; para Tiago, ele deixou o asno, e para o mais novo, Constantino, restou apenas deixar como herança o gato.

Desesperado com sua sorte, Constantino disse: "Só me resta matar e devorar esse gato inútil, fazer alguma roupa com seu couro, e depois ir procurar algum modo de me sustentar".

O gato, é claro, ficou bastante preocupado com essa conversa, e disse: "Meu amo, não me mate, a carne de gato não é boa para humanos comerem, e, além disso, eu sou muito mais útil vivo – basta me dar um saco e mandar fazer para mim um par de botas para que eu possa caminhar livremente no mato sem medo de me ferir, e daí verá que com minha ajuda acabará rico".

Constantino se lembrou então que já vira o gato apanhar ratos e camundongos com auxílio de muita esperteza e malandragem, e resolveu que não custava nada experimentar. Ele não ganharia praticamente coisa nenhuma com a morte do gato, e as botas saíam quase de graça. Quando recebeu o que havia pedido, o gato calçou com orgulho suas botas novas. Depois, meteu um monte de farelo e uma porção de alfaces no saco e o pendurou nas costas. Foi então para um bosque onde sabia que havia muitos coelhos. Quando chegou, se deitou no chão se

fingindo de morto, e ficou esperando que algum coelho entrasse no saco atraído pelo farelo e alfases.

Logo após ter se deitado, um jovem coelho entrou no saco, e o gato puxou os cordões para prendê-lo, o agarrou e matou imediatamente. Orgulhoso de sua proeza foi até o castelo do rei e pediu para falar com ele. O rei o recebeu, e o gato, após fazer uma profunda reverência, disse:

“Trago um coelho da floresta que o senhor Marquês de Carabá (foi o primeiro nome que lhe veio à cabeça) me encarregou de vos oferecer como presente”
“Agradeço o presente que seu amo me oferece, e diga-lhe que fico muito grato”, disse o rei.
No dia seguinte, o gato foi de novo para o mato, e repetiu tudo de novo, se fingindo de morto com o saco aberto e cheio de trigo e alface. Só que desta vez foram duas perdizes que se enfiaram dentro do saco. O gato as matou, e levou para o rei, falando novamente em nome do Marquês de Carabá.

Isso durou uns três meses, nos quais, quase diariamente, o gato levava caças ao rei em nome de seu amo. Até que um dia o gato ficou sabendo que o rei pretendia na manhã seguinte sair a passeio, com sua linda filha, pela margem do rio. O gato disse então a seu amo “Se quiser se dar bem siga agora o meu conselho, e sua fortuna está feita; tudo que precisa fazer é ir tomar banho no rio no lugar que eu lhe mostrarei. Relaxe e deixe que eu tome conta de todo o resto”.
O Marquês de Carabá fez tudo que o gato o aconselhava, mesmo não fazendo a menor idéia do que ia acontecer. Enquanto se banhava no rio, o rei passou por ali, e o gato, que estava preparado para esse momento, começou a gritar com toda a força que podia: “Socorro! Socorro! Meu senhor, o Marquês de Carabá, está se afogando!”
Gritou tão alto que acabou chamando a atenção do rei, que pôs a cabeça para fora da carruagem e reconheceu o gato que tantas vezes lhe levava caça como presente em nome do Marquês de Carabá.

O rei então ordenou a seus guardas que fossem ajudar, e rapidamente o pobre Marquês de Carabá foi salvo da morte, segundo acreditava o rei.
Enquanto isso o gato foi até o rei e disse que, enquanto o seu amo tomava banho, ladrões haviam aparecido e roubado todo o dinheiro e todas as roupas, e o gato ainda disse que por mais que gritasse com todas as suas forças: “Ladrões! Alguém ajude!”, ninguém apareceu para ajudar, até que por sorte o rei passasse por ali para salvar seu amo. Na verdade, o gato havia escondido as roupas debaixo de uma pedra, e dinheiro não havia nenhum.

Assim que o Marquês de Carabá estava salvo, o rei ordenou a seus serviçais que fossem buscar o mais belo traje que fosse encontrado em seu guarda-roupa para cobrir a nudez do Marquês. O rei o cumprimentou, e as belas roupas que o Marquês estava vestindo realçavam sua beleza natural e faziam com que ninguém fosse capaz de imaginar que não fosse nobre. A filha do rei o achou muito atraente, e mal o rapaz lhe dirigiu um olhar mais intenso e ela já ficou loucamente apaixonada.

O rei quis que o Marquês fosse passear com ele e com sua filha. O gato ficou encantado ao ver que tudo acontecia conforme o seu plano, e conforme já havia planejado, seguiu na frente, e encontrando alguns camponeses ceifando em um prado, disse a eles “Minha boa gente que está aqui ceifando este campo, se quiserem continuar vivos digam ao rei quando passar por aqui que o prado que estão ceifando pertence ao senhor Marquês de Carabá. Se não disserem isso, serão picados em pedacinhos como recheio de lingüiça”.

Logo chegou o rei e de fato teve curiosidade de perguntar aos camponeses de quem era aquele campo que ceifavam. “Pertence ao senhor Marquês de Carabá” responderam todos, porque ficaram com muito medo das ameaças do gato e não tinham o menor desejo de morrer. “É um belo patrimônio, esse que o senhor tem”, disse o rei ao Marquês de Carabá.

“Saiba Vossa Majestade” respondeu o Marquês, “que esse prado produz uma grande colheita todos os anos”.

O gato continuou indo à frente, e logo encontrou alguns camponeses colhendo, e disse a eles “Minha boa gente que está aqui colhendo, se quiserem continuar vivos digam ao rei quando passar por aqui que todo este trigo que estão pertence ao senhor Marquês de Carabá. Se não disserem isso, serão picados em pedacinhos como recheio de lingüiça”. Logo chegou o rei e de fato teve curiosidade de perguntar aos camponeses de quem era aquele campo que ceifavam. “Pertence ao senhor Marquês de Carabá” responderam todos, já que estavam apavorados com as ameaças do gato. Novamente, o rei felicitou o Marquês pela sua imensa riqueza.

O gato, que ia sempre adiante da carruagem, dizia sempre as mesmas coisas, ameaçando de morte todos os camponeses que não dissessem que as terras em que estavam trabalhando pertenciam ao Marquês de Carabá. E o rei foi se tornando cada vez mais espantado com as riquezas gigantescas do Marquês, que a essa altura do passeio ele já calculava ser muito maior do que a sua.

O gato então chegou a um belo castelo que pertencia a um ogro. O ogro era riquíssimo, pois todas aquelas propriedades pelas quais o rei havia passado e que acreditava serem propriedades do Marquês na verdade pertenciam ao ogro. O gato pediu uma audiência alegando que desejava conhecer um senhor tão rico e poderoso. Na verdade o gato já havia se informado sobre o ogro e tinha um plano em mente.

O ogro o recebeu com toda a cortesia e o convidou a sentar. “Ouvi dizer”, disse o gato, “que o senhor tem o poder de se transformar em qualquer tipo de animal, que poderia se quisesse, por exemplo, se transformar em um leão ou em um elefante”. “É a mais pura verdade”, respondeu bruscamente o ogro, “e para provar isso agora mesmo, vou me transformar em leão, como você sugeriu”. No instante em que terminou de falar, o ogro se transformou em um leão. O gato ficou apavorado e foi se esconder no telhado, no qual subiu com grande dificuldade por causa das botas.

Pouco tempo depois, o ogro voltou à sua forma original, e o gato desceu e confessou estar muito impressionado com o poder do ogro.

“Ouvi também dizerem”, disse o gato, “Que o senhor é capaz de se transformar em animais muito pequenos, com um corpo muito menor que o seu original, com um camundongo, por exemplo. Confesso que nisso não acredito, já que deve ser impossível que o seu poder seja tanto que seja capaz de modificar seu corpo dessa maneira”.

“Isso não é nada impossível para mim”, disse o ogro, “veja”, e se transformou em um pequeno camundongo em um instante. O gato aproveitou esse momento para pular sobre ele e mata-lo instantaneamente.

Enquanto isso o rei viu o belo castelo do ogro e decidiu conhecer o dono de tão magnífica propriedade. O gato ouviu o ruído da carruagem passando sobre a ponte levadiça e correu para frente do castelo para receber o rei. Assim que o rei chegou, o gato disse: “Vossa Majestade é bem-vinda ao castelo do Marquês de Carabá” “Senhor Marquês, escondeu de mim que este castelo também é seu? Creio que queria me surpreender! Pois saiba que consegui, jamais vi castelo com pátio tão belo nem construções tão magníficas. Gostaria de ver como ele é por dentro, se o senhor me permitir”. O Marquês deu a mão à princesa e os dois seguiram o rei subindo a escadaria do palácio e entrando em um grande salão, onde encontraram servida uma deliciosa refeição, que o ogro havia mandado servir para um grupo de convidados que, quando souberam que o rei estava lá, não ousaram interromper nem quiseram questionar o que estava acontecendo no castelo. Encantado com as riquezas do Marquês de Carabá, e vendo que sua filha estava apaixonada, o rei resolveu unir o útil ao agradável e disse “Se quiser ser meu genro, só precisa

dizer

sim”.

O Marquês disse “sim!” e nesse mesmo dia ocorreu o casamento.
O gato passou a ser um grande senhor e passou a só caçar ratos e camundongos por esporte.